

EVOLUÇÃO HISTÓRICA DA ARMA DE CAVALARIA

Maj W. ROBERTO DA CUNHA E MENEZES,
Oficial de EM.

GÊNESE DA CAVALARIA

Desde que a humanidade passou a dedicar parte de seu tempo à arte e ciência da guerra, surgiu a idéia de se conseguir um meio de combater a cavaleiro do inimigo, isto é, com superioridade de posição.

No primitivismo das guerras de então, onde os homens se juntavam para a luta, por terem em mira um objetivo comum, não havia a idéia de formação de um bloco unitário. A batalha era antes de tudo uma composição de inúmeros combates individuais, onde o valor do combatentes e o pêso de suas armas eram os fatores decisivos.

Cedo se notou que aquêle que dispusesse de maior rapidez, liberdade de movimentos e uma posição favorável, aliados a maior poder de choque, desde logo levaria grande vantagem sôbre seu oponente.

Isto poderia ser conseguido com o auxílio dos animais domesticados, particularmente o cavalo e o elefante, que, por sua docilidade, coragem, massa e velocidade dariam àqueles que utilizassem tôdas as vantagens acima.

Assim, o guerreiro incorpora a seus petrechos de guerra, êste nôvo elemento que lhe permite deslocamentos longos e rápidos, potência de choque e posição superior a seu oponente a pé.

Os povos semicivilizados do Oriente, os Persas, os Medas e os Assírios foram povos cavaleiros por excelência.

Seus exercitos possuíam grandes massas de Cavalaria e para resistir às suas cargas os Gregos e Macedônios tiveram que reunir seus infantes em falanges, único meio capaz de resistir a essa onde que se esparramava pela campina levando tudo de roldão.

No entanto, as falanges estavam sempre sujeitas a ser envolvidas e depois desgastadas por aquêlle mar revôlto de homens a cavalo que as fustigavam por todos os lados.

Era, pois, necessário criar uma força capaz de, por sua mobilidade e potência de choque, proteger os flancos e a retaguarda das formações de batalha, bem como castigar o flanco e a retaguarda inimiga perseguindo-o e destruindo-o se batesse em retirada.

Aparecem assim os Catafratas, cavalaria pesada, destinada a tomar parte na batalha e os Sarissóforos, cavalaria ligeira, que tomando parte

na batalha juntamente com os Catafratas, ainda tinha por missão, após a batalha, perseguir e destruir o inimigo em retirada.

Esta cavalaria era organizada em ILHAS de 64 cavaleiros ou em Epitagmas de 64 Ilhas (4.096 cavaleiros) e utilizava ao máximo a potência de choque, mas seu emprêgo sempre relegado a plano secundário, nunca teve influência decisiva na batalha.

Com o declínio da civilização grega, começa o resplendor de Roma que emprega sua cavalaria, os Equitas, nos mesmos moldes, mas dando-lhe uma importância bem menor.

Suas tropas montadas são, junto às legiões, como que tropas auxiliares e, na sua grande maioria, são compostas de mercenários ou recrutadas entre os povos subjugados.

É Anibal, o Cartaginês, que nas guerras Púnicas e particularmente em Canes, vai revelar o partido que se pode tirar de uma cavalaria coesa empregada em massa e como arma de choque.

Sua cavalaria Númida inicia a batalha e lhe dá o acabamento.

Ela não é, contudo, o elemento básico e decisivo da batalha.

Cabe, ainda, à infantaria (Legiões) o papel preponderante.

A CAVALARIA NA IDADE MÉDIA E MODERNA

O feudalismo transforma a Cavalaria numa instituição.

Ela é parte da organização social.

Segundo Léon Gantier. "é a Cavalaria a forma cristã da condição militar; o cavaleiro é o soldado cristão".

Ela é o amálgama de tôdas as virtudes.

Na guerra, torna-se a Cavalaria a arma principal da batalha, é seu elemento decisivo. Não tem flexibilidade nem velocidade. Sua missão é unicamente combater.

O homem de armas, sob o pêso da couraça, montado em um pesado cavalo igualmente encouraçado, não pode se mover livremente no campo de batalha.

O combate é quase individual. A luta tem aspecto cruel e brutal.

Há uma regressão completa na arte militar.

Os exércitos nada mais são do que um aglomerado de nobres cavaleiros, valentes e indisciplinados, apoiados por peões da mais ínfima categoria social.

Após a vitória, a pionagem que aguardava a decisão pelo choque das Cavalarias, lança-se ao campo de batalha onde assassina os cavaleiros caídos e saqueia todos os cadáveres.

O advento da arma de fogo, nos fins da Idade Média não traz, desde logo, conseqüências capazes de alterar a ordem das coisas.

Ao contrário, foi lentíssima sua influência na arte da guerra.

As batalhas de CRECY (1346) e POITIERS (1356) não deixaram ensinamentos que viessem anular o papel da Cavalaria na batalha.

Se na primeira, a cavalaria francesa, perde a coesão por causa do fogo das bombardas e se deixa destroçar pela infantaria inglesa, em POITIERS é a cavalaria inglesa que unida e disciplinada, em vigorosa carga, destrói os cavaleiros franceses que haviam apeado para a batalha.

No entanto, a tática começa a sofrer algumas modificações e a infantaria vai readquirindo uma certa importância.

Mas a Cavalaria só cedeu seu lugar preponderante quando, no século XVII, o progresso das armas de fogo foi tal que as armaduras dos cavaleiros não resistiam aos seus projéteis e não era mais possível carregar e esmagar uma infantaria coesa, emacada e disciplinada.

É CONDÉ que melhor compreende os novos problemas e a impossibilidade cada vez maior de se obter êxito com ataques frontais de massas a cavalo contra uma infantaria dotada de canhões e de mosquetes.

Em ROCROY (1643), a Cavalaria carrega, mas não o faz sobre os flancos e retaguarda do inimigo, evitando o fogo poderoso da infantaria e aproveitando ao máximo a flexibilidade, a fluidez e a velocidade que lhe são peculiares.

Assim foi introduzida, no emprêgo da Cavalaria, a idéia de **Manobra**.

Frederico da Prússia amplia e melhora os processos de Condé apoiando a ação de choque pelo fogo da Artilharia.

É também Frederico que vai empregar a cavalaria como órgão de informações e de segurança.

Começam assim a se definir perfeitamente as missões de Arma, que atuará daí por diante, antes da batalha, durante a batalha e após a batalha.

Antes da batalha ela deverá tomar a seu cargo os reconhecimentos próximos e longínquos e a segurança aproximada e afastada.

Durante a batalha cabe-lhe decidir a luta pelo choque de suas cargas.

Após a batalha deverá perseguir e destruir o inimigo em retirada.

Inicia-se, então, o período áureo da Cavalaria, que vai adquirir todo o seu esplendor, em concepção e execução, na época Napoleônica.

CAVALARIA NAPOLEÔNICA

Napoleão foi o primeiro a divulgar com amplitude o emprêgo da Cavalaria; depois d'ele todos os grandes mestres da guerra inspiram-se em seus princípios.

Ele tira o máximo partido das qualidades da Arma, empregando-a para:

- criar uma rede de segurança em torno dos Exércitos;
- cobrir a marcha dos Exércitos;

- desvendar, desde o mais longe possível, os movimentos do inimigo e dificultá-los;
- atuar sobre as retaguardas do inimigo, seus comboios e linhas de comunicação;
- realizar incursões profundas, com objetivos bem definidos de posse, destruição ou isolamento de zonas e meios;
- intervir na batalha;
- perseguir e completar a destruição do inimigo batido e impedir sua reconstituição.

Para Napoleão, a cavalaria é ainda, e sobretudo, uma arma de choque, uma reserva móvel no campo de batalha, onde ela desempenha um papel de grande importância.

Fora do campo de batalha é empregada nas missões de segurança, cobertura, exploração e perseguição.

A cavalaria Napoleônica, como aliás tôdas as cavalarias da época, se repartia em três tipos distintos:

- Cavalaria pesada (Couraceiros, Carabineiros a Cavalo, etc.);
- cavalaria ligeira (Hussardos, Caçadores a Cavalo, Lanceiros e Ulanos, sendo que êstes dois últimos encontrados particularmente nos exércitos da Prússia, Áustria e Inglaterra);
- cavalaria de linha (Dragões, etc.).

Sua organização comportava: Regimentos, Brigadas, Divisões e Corpos.

A Cavalaria Ligeira competia, particularmente, informar e cobrir, enquanto que à Cavalaria Pesada cabia atuar pelo choque e destruir o inimigo.

Já a Cavalaria de Linha podia combater a pé ou a cavalo e sua principal missão era apoiar as outras Cavalarias nas ações em força quando estas precisassem de fogo para permitir o movimento.

No entanto, qualquer dos três tipos de Cavalaria, era apto a desempenhar a contento tôdas as missões clássicas da Arma, e numerosas vêzes nas Campanhas do Império, vamos encontrar grandes massas de Cavalaria de todos os tipos, tomando parte nas coberturas, nas cargas finais e na perseguição.

Durante todo o período Napoleônico a Cavalaria estará repartida entre: os Corpos do Exército, a Guarda e a Reserva de Cavalaria.

Em cada Corpo de Exército encontramos uma Divisão ou uma Brigada de Cavalaria Ligeira, que era o estritamente necessário para dar ao comandante do Corpo a segurança desejada, pela cobertura e pela informação.

Quando o Corpo se engajava na Batalha, era sua Cavalaria uma reserva de grande mobilidade capaz de intervir quando solicitada, seja para fechar uma brecha, seja para atuar sobre um flanco inimigo, seja ainda para desorganizar êsse inimigo e persegui-lo.

Na Reserva de Cavalaria do Grande Exército, temos a grande massa da Arma. Seis ou mais Divisões de Cavalaria Pesada e de Linha, tendo por missão carregar para completar a vitória, desorganizar a cavalaria inimiga, perseguir e destruir o inimigo em retirada.

A Guarda, tropa de elite, é uma reserva particular do Imperador. Formada por todas as armas e selecionadas com carinho, é o trunfo máximo, que só se emprega para ganhar definitivamente a partida.

Eventualmente, Napoleão utilizou Corpos de Cavalaria, formados por Divisões Ligeiras, Pesadas e de Linha e fortemente apoiados por Artilharia a Cavallo.

A esses Corpos eram dadas as missões profundas de incursões, conhecimentos a grandes distâncias e organização de uma rede de segurança que permitisse a liberdade de movimentos do Exército.

A CAVALARIA NAS AMÉRICAS

As idéias lançadas pela Revolução Francesa e a convulsão provocada na Europa pelas sucessivas campanhas de Napoleão fazem germinar nas Américas, e particularmente na América Latina, a idéia da independência.

Esta independência não se fará sem luta e, nos campos de batalha, se aplicará a doutrina de guerra então em vigor, a doutrina Napoleônica.

No entanto, fruto das peculiaridades do TO, a par da doutrina importada, surge também a doutrina "crioula", inteiramente adaptada ao homem, ao terreno e às condições sociais e econômicas das novas nações.

Vamos encontrar então, nos exércitos sul-americanos, uma Cavalaria nos moldes da cavalaria européia, com suas unidades ligeiras, pesadas e de linha, uniformizada e enquadrada e, paralelamente, uma cavalaria irregular, numerosa, indisciplinada e brava.

A primeira executava as missões tradicionais da Arma, com precisão e disciplina. Suas cargas tinham grande poder de choque pois suas formações eram cœsas e maciças.

Já a segunda não tinha unidade, seu armamento era heterogêneo, a tropa montava e se armava por conta própria. Na batalha, não tinha grande poder de choque, mas era formidável para as ações de guerrilha, de conhecimentos profundos, de inquietação e de perseguição.

Ao contrário da Cavalaria regular, nunca apeava para combater pelo fogo, suas armas eram a lança, a espada e o machete.

Vamos assim encontrar, na Venezuela, os "llaneros" de Paez, hordas semibárbaras, cavaleiros audazes, que espalhados pelos campos deixavam a terra rasa.

Nas campanhas do Prata, é o "gaúcho" que, arregimentado, faz a segurança das fronteiras, incursiona profundamente em território ini-

migo, seja para reconhecer, seja para arrebanhar o gado, porventura existente, a fim de suprir suas forças e reduzir os suprimentos inimigos.

Também na batalha, êsses cavaleiros tomam parte ombreando com as tropas regulares e é assim que vamos encontrar o general Abreu, carregando à frente de sua gente na memorável batalha do Passo do Rosário.

Em Caceros se misturavam as tropas regulares e os bandos de gaúchos, todos contribuindo efetivamente para a vitória final.

Nas Campanhas da Tríplice Aliança onde se movimentaram os maiores exércitos que até então foram vistos na América do Sul, a Cavalaria desempenha cabalmente sua missão. Ela cobre, retarda, reconhece, incursiona, manobra e toma parte nas batalhas.

Na guerra de Secessão Norte-Americana (1862-1865) as operações vão se desenrolar em um teatro onde os grandes espaços deixam livre curso à intrepidez dos chefes de Cavalaria.

Os Estados do Sul possuíam uma cavalaria excelentemente montada, e muito mais numerosa do que os do Norte. Vão pois aproveitá-la na execução de incursões profundas a fim de perturbar as retaguardas inimigas atingindo-lhes centros vitais, cortando-lhes as comunicações e destruindo-lhes os suprimentos.

Stuart, com 18.000 cavaleiros desborda o exército de Mac Clellan e percorre um trajeto de 242 quilômetros em três dias e Sheridan, na Virgínia, faz um "raid" de trinta e seis dias no interior de território inimigo.

Os resultados destas incursões, no conjunto das operações, bem poderiam ter sido maiores se tivessem tido objetivos estratégicos bem determinados para ocasionar ao inimigo um prejuízo realmente durável.

Na cavalaria tanto do Sul como do Norte, vamos encontrar o combate a pé, pelo fogo, como norma geral, embora as cargas ainda fôsem muito empregadas.

A CAVALARIA MODERNA

Após a heróica carga da Brigada Ligeira em Balaklava, começa-se a pensar que a evolução do armamento tornaria difícil o emprego da cavalaria na batalha.

Mesmo assim quando se abre a campanha de 1870 a cavalaria não renuncia a tomar parte nos grandes encontros de tôdas as armas.

No entanto, se os prussianos apresentam uma Cavalaria capaz de bem cumprir tôdas as missões da Arma; reconhecer, cobrir e combater, os franceses, por seu lado, se desbastam em cargas infrutíferas abandonando e tornando inexistentes as coberturas e os reconhecimentos, permitindo assim que sua infantaria seja surpreendida por diversas vêzes.

Mesmo assim a Cavalaria alemã nem sempre soube manter o contacto ou executar a perseguição a fundo.

Não raro, durante a campanha, os contactos foram rompidos e só foram retomados com grandes dificuldades.

Pelo famoso memorando de Moltke, enviado a Guilherme I em 25 de julho de 1868, a Cavalaria alemã seria organizada em Regimentos de Cavalaria Divisionários, um para cada Divisão de Infantaria e Divisões de Cavalaria, uma para cada Corpo de Exército.

As Divisões de Cavalaria não seriam inseparáveis dos Corpos de Exército pois que em casos especiais poderiam ser reunidas formando Corpos de Cavalaria que seriam empregados na exploração estratégica e na perseguição após a batalha.

Após a Guerra de 1870 e calcados nas experiências nela colhidas, vamos encontrar os exércitos da Europa em plena evolução. Assim é que a França, em 1873, copia a organização alemã de 1870, que aliás manteve as tradições Napoleônicas.

Vamos então encontrar a Cavalaria distribuída pelas Divisões de Infantaria (Cavalaria divisionária), pelos Corpos de Exército e pela Reserva de Cavalaria (Divisões e Corpos de Cavalaria Independente).

Aos Corpos e Divisões de Cavalaria caberiam as missões de Segurança e de exploração estratégica: cobertura, ações retardadoras e sobretudo a perseguição do inimigo vencido na batalha geral, até ao extremo das forças dos homens e dos cavalos.

A par deste emprêgo de grande envergadura das massas de Cavalaria, uma missão mais modesta era imposta aos Regimentos de Corpo de Exército e aos Esquadrões das Divisões de Infantaria.

A estes caberia a segurança tática das grandes unidades de tôdas as armas às quais pertenciam, dando-lhes tempo para fomarem seus dispositivos para o combate.

É assim que a Cavalaria toma parte na 1ª Guerra Mundial.

Na frente Ocidental, nos Balkãs e na Palestina, a Cavalaria vem demonstrar que, quando bem instruída e principalmente bem comandada, poderá executar ações que venham a influir grandemente no conjunto das operações.

O "raid" na Bélgica, a penetração da 5ª DC francesa até Ourcq, a batalha do Yser, Uskub e a ação dos Corpos Montados do Deserto, na Palestina, são exemplos que comprovam o que acaba de ser dito.

Mesmo na estabilização que se seguiu à batalha do Marne a Cavalaria desempenhou papel importante entre as forças contendoras.

Quando da "corrida para o mar", massas de Cavalaria foram empregadas para desbordar os flancos ainda não apoiados, mas o equilíbrio então existente entre a cavalaria francesa e a alemã fez com que essa procura de envolvimento fôsse sem resultado.

Quando ocorria ser aberta uma brecha no dispositivo, era a Cavalaria chamada a tamponá-la até que a Infantaria, mais lenta, viesse a tomá-la a seu cargo.

Na guerra de trincheira, vamos encontrar a cavalaria a pé ocupando setores e, sempre que o exército retraía e havia espaço suficiente, era a Cavalaria que cobria êsses retraimentos, chegando não poucas vezes até ao sacrifício.

Na frente oriental, a guerra de posição não se estabilizou, e ao contrário do que ocorreu no ocidente, evoluiu rapidamente para uma guerra de movimento. Assim foram criados grandes Corpos de Cavalaria cuja missão era envolver e ilhar o inimigo ou atuar na sua retaguarda cortando-lhes as comunicações e tolhendo-lhe os movimentos.

Era uma Cavalaria muito bem equipada e perfeitamente apta para o combate a pé, colocando-se mesmo a par da Infantaria à qual era superior devido à sua mobilidade.

“A 1ª Guerra Mundial em nada mudou as tradicionais missões da Cavalaria, mas ensinou que devido ao efeito das armas modernas, para vencer uma resistência inimiga o combate a pé é muito superior a uma carga. Demonstrou ainda que na guerra de movimento somente massas de Cavalaria são capazes de lograr êxitos importantes”. (Gen Von BORRIES — Cavalaria de Exército).

Entre a 1ª e a 2ª Guerra Mundial, o grande progresso técnico-científico-industrial proporcionou aos Exércitos novos meios, que uma vez aproveitados, influíram grandemente na estruturação e no emprego das forças.

O rádio, o motor e o avião imprimiram grandes modificações nas formações e nos processos de combate.

As unidades e grandes unidades terão que ser mais flexíveis e ter maior mobilidade.

Surgem então as unidades mecanizadas de reconhecimento e as Divisões e Corpos de Exército Blindados, aos quais se deve, no início da campanha, em 1940, o rápido avanço dos Alemães, das ARDENAS até DUNQUERQUE.

O motor, substituindo o cavalo, restituiu à Cavalaria todo o seu esplendor.

O carro de Combate deu-lhe mais velocidade, maior potência de choque e ainda uma relativa proteção.

O rádio permitiu o contróle das massas blindadas e do apoio aéreo aproximado.

O avião forneceu o apoio de fogo, sem a necessidade de grandes concentrações de artilharia, e com maior amplitude de intervenção no combate.

Não se pense, no entanto, que na 2ª Guerra Mundial só se empregou cavalaria mecanizada e blindada. Não!

Na frente ocidental, temos o glorioso exemplo da 2ª DCL, Divisão Berniquet, de organização mista, cumprindo com galhardia sua missão defensiva em SEDAN e no corte do SOMME.

Na frente oriental, TO com características inteiramente diferentes dos encontrados no ocidente, vamos encontrar em toda sua plenitude as Grandes Unidades de Cavalaria a cavalo, cumprindo magnificamente suas missões.

Particularmente na UCRÂNIA, mal dotada de vias de comunicações, a cavalaria hipomóvel teve largo emprego por parte dos Russos que, com 300.000 cavaleiros cumpriram melhor do que qualquer outro tipo de unidade, as missões de reconhecer, cobrir e combater.

CONCLUSÕES

Por este rápido relato constatamos que a Cavalaria sempre teve papel importante na História Militar. Desde os tempos Bíblicos a Cavalaria vem preenchendo as necessidades dos comandos de: informações, segurança, potência de choque e destruição do inimigo.

Vimos também que em qualquer escalão houve e haverá necessidade de uma força essencialmente móvel para o cumprimento de missões específicas de reconhecer, cobrir e combater que têm lugar antes, durante e depois da batalha, e que essa força se denomina Cavalaria.

Constatamos ainda que a estrutura, a organização e o emprego que Napoleão deu à sua Cavalaria, com pequenas nuances, perduram até nossos dias.

Se à sua Cavalaria Ligeira cabia reconhecer, cobrir e retardar, hoje essas missões estão afetas às modernas Brigadas de Cavalaria Mecanizadas.

A Cavalaria Pesada, então destinada às incursões profundas, grandes coberturas, aniquilamento do inimigo pelo choque e sua perseguição até a destruição final, foi hoje substituída pelas Divisões e Corpos Blindados.

Quanto à Cavalaria de Linha que deveria apoiar pelo fogo as ações das outras Cavalaria, vemo-la representada pelas unidades de Cavalaria motorizada, transportada, ou mesmo pela Infantaria blindada das DB.

Verificamos então que as missões da cavalaria não mudaram, mas que a arma teve que evoluir para cumpri-las.

Assim vamos encontrar, através da História, os terríveis carros de guerra Assírios, a devastadora Cavalaria Mongol, os couraçados cavaleiros medievais, a gloriosa Cavalaria do Império e a moderna Cavalaria blindada.

Concluindo diremos que, a cavalo ou motor, haverá sempre uma Cavalaria!

Maio — 1961.

BIBLIOGRAFIA

- NAPOLEAO E A GUERRA MODERNA — Cel Conrad K. Lanza
- A GUERRA ATRAVÉS DOS SÉCULOS — Maj Jayme Ribeiro da Graça
- HISTÓRIA MILITAR — Cel Pedro Cordolino F. de Azevedo
- ESTUDO SOBRE LA CABBALLERIA SEGUIDO DE CASOS CONCRETOS — H. Salmon
- IDADE MÉDIA — A CAVALARIA E AS CRUZADAS → Ivan Lins
- CABBALLERIA DE EXÉRCITO EM LA GUERRA DE MOVIMENTO — Gen Bda Von Borries
- HISTOIRE MILITAIRE — Cap La Condomine
- CAVALARIA — ECEME
- COURS D'EMPLOI DES ARMES — ECEME
- ENCICLOPÉDIA BRITANICA.

“As reformas reclamadas pela consciência e necessidades do povo brasileiro interessam profundamente às Forças Armadas que, longe de se oporem a elas, vêem-nas como fator de aperfeiçoamento da Segurança Nacional.

Como integrante das Forças Armadas, tem o Exército necessidades particulares no quadro dessas reformas: a reestruturação e modernização de seus organismos, de forma a bem habilitá-lo para o cumprimento de sua missão constitucional.”

(Da aula inaugural na ECEME proferida pelo Excelentíssimo Senhor General-de-Exército Emilio Rodrigues Ribas, Chefe do Estado-Maior do Exército.)